

Analista: o que resta

Taciana de Melo Mafra

Acompanhar Lacan na passagem do sétimo para o oitavo “Seminário” confere uma enorme satisfação aos que se embelezam com o pensar da filosofia, da poesia, da literatura e da arte diante das passagens garimpadas, nestes terrenos, com as quais Lacan nos ilustra suas construções teóricas, elegendo-as patentes do tesouro dos alfarrábios da humanidade.

A "Ética da Psicanálise" e "A Transferência" nos proporcionam elementos para o que insistentemente nos interrogamos a respeito desse lugar que é o nosso, enquanto analistas. Essa ética singular é a ética do desejo que a Psicanálise põe em causa no cerne de sua fundação em “A Interpretação dos Sonhos”.

O confronto com a morte do pai expõe Freud a antigas mazelas reveladas a partir de um sonho onde se encontra com suas culpas. Ele se interroga, se contorce, longo tormento lhe toma esse sepulcro para daí operar o que vem a ser o que nos ensina sobre a análise: que diante desse estranho, o desejo - pelo qual o sujeito não pode responsabilizar-se, desde que é por ele assujeitado -, só resta reconhecê-lo, acolhê-lo e redizê-lo no jogo de engano metonímico do objeto. Tomada pelo deslizamento desse jogo, a culpa, com o qual faz vértice transmuta-se para o confronto com uma outra ética, onde o apropriado, tornado próprio com a barra do Outro, permite as escolhas pelas quais o homem é responsável circunscrevendo o limite da análise.

Responsabilidade não tem aí o sentido de um encontro do desejo analisado com uma subordinação aos cânones da ortopedia moral, seja ela qual for.

Devemos ir mais longe e pensar que essa estrutura moral se reformula ao tempo que o desejo é reconhecido, visto que as construções éticas se constituem no campo do desejo, demarcando a sua imparidade.

O sujeito assujeitado, vaticinado por um outro desejo, é na análise aludido através da relação transferencial, caminho pelo qual todo analisante "aprende amando" sobre a falta. Trajeto longo, trabalho árduo, reconstrução, ou melhor, construção da história na qual foi imerso.

Ser analista, naquilo que aí está implicado do sintoma de cada neurótico, não é, portanto, nenhuma vantagem a ser exibida, nenhum lugar lustroso socialmente, é apenas, e antes de mais nada, uma condição para existir com seu sintoma: o que resta.

O “Resto” é um conceito formulado por Lacan para articular o campo irredutível ao simbólico. Se há algo a que a condição humana está fadada é que, daquilo que é possível pela via do imaginário representar e simbolizar, haverá sempre um ponto mínimo e mítico para o qual nos é imposto o reconhecimento de um buraco impreenchível.

Esse Resto a simbolizar, ao contrário de ser pouco, como faz parecer a significação mais literal do termo, é mesmo o ponto do qual advém toda a potência de onde o neurótico forja o mundo que o habita. É o motor do dizível, já que elidido celebraria a morte do desejo.

Uma demanda de análise contará sempre em seu cerne com a demanda de reparo da insuficiência simbólica que, como Freud nos ensinou, diz-se na insuficiência paterna. Toda a análise gira em torno disto: que alguém se encaminhe para saber da falta e que nesse caminho o que encontre seja a sua confirmação. O que diante de tal confronto se configura é um resto, resto a dizer infinitamente. Por essa razão Freud nos apontou o interminável de uma análise, o que Lacan ratificou indo as últimas conseqüências, denunciando um termo narcísico num fim de análise que determina sua conclusão na identificação com o analista.

Por fazer esse reconhecimento, análises ditas lacanianas, no que isso diz respeito a um redimensionamento feito por Lacan da clínica freudiana, são longas e tecidas por uma escuta que tem como baliza as operações languageiras estruturadas singularmente pelo sintoma de cada um. Esse sintoma, ao contrário de ser extirpável, elidido, ou desmanchadiço, a análise o articula borromeamente, como nos ensinou Lacan, ao final de sua obra. Usando a topologia, ele nos faz conferir através da imagem dos nós do Real, Simbólico e Imaginário, a possibilidade de acompanharmos com rigor teórico os meandros superpostos desses três registros que formam, segundo forja, um tecido no qual as operações subjetivas, fundadas na linguagem, se estabelecem.

É nesse terreno que está calcada a posição do analista, a qual se move tomada por uma Ética muito particular que subleva o sentido desse termo em milhares de questões por ele suscitadas. A Ética da Psicanálise, por ser a Ética do Desejo, configura sua atopia desde que não pode ser instalada do lado do que a serviço da civilidade está fadado ao recalque, o gozo absoluto do encontro com o objeto, que é mortífero.

Essa Ética é marcada pela ação que funda o humano na relação do demandante com um Outro colocado num lugar radical de único possível a reconhecer e nomear o desejo. Desejo que lhe é próprio a partir de um ponto mínimo, mítico, onde se fez palavra para a Coisa perenemente inapreensível.

No entanto, essa Coisa, “Das Ding”, como chamou Freud no “Projeto” e retomou Lacan com maestria, insistirá em se representar, e o fará sendo outra coisa, a “Sach”, em torno da qual derivarão infinitas combinações. Dessa Coisa advirá o termo por onde se estabelece a criação, na infinda tentativa reiterada de apreendê-la, que constatada impossível, será tentativa de dizê-la, o que resta.

Lacan formaliza tais operações demarcando as suas derivações como “sacadas” da clínica freudiana, portanto, relativas a uma estrutura que delimita o campo da engrenagem conceitual. Para isso pinça e sublinha a radicalidade da linguagem como princípio do Inconsciente em Freud e utiliza as mais sofisticadas teorias da linguagem forjadas pelas letras de Saussure e Jakobson. Fará isso não sem deixar apartado o campo da Psicanálise e o campo da Linguística, visto que a Psicanálise tomará a linguagem enquanto constituição a partir do código – a língua –, mas estando sujeita a língua, no que isso comporta da relação com este Real que se nos apresenta insistentemente como indizível, como resto a dizer.

A topologia aparece na obra de Lacan num ponto equidistante, onde a exigência de um pensamento rigoroso e articulado, mais aproximado da episteme do que da doxa se pronunciava cada vez mais. Com certeza isso tem relação com o que ele, apontando a “Direção da Cura”, nos ensinava sobre o “bem dizer”, que não é dizer bonito ou dizer do bem, mas dizer sempre mais um. Sendo assim, a topologia lacaniana parece ser mais uma forma de bem dizer sobre o que resta a articular daquilo que nos interroga no caminho da análise.

Aliás, é dessa forma que Lacan irá formular o que é possível reconhecer como fim de análise para alguns, este “Bem Dizer” como dizer do sintoma que no avatar de uma análise pode vir a ser sintoma de ser analista. Essa passagem de analisante a analista nada contém de conquista de um topos onde se possa exibir o objeto por ele conferido, mas de uma afirmação. Essa conquista é a de uma árdua elaboração sobre a morte, subjetivação da morte, como diz Lacan. Onde tal objeto é dado como perdido, enquanto haja a inscrição do que é possível representar-se em sua ausência e que nada mais é do que a palavra. Portanto, a falta do objeto num paradoxo confere um dom: o dom da palavra.

No entanto, a causa da fantasia que encaminha uma demanda de análise apontará sempre no olhar para o atributo suposto ao Outro. Esse Outro, analista, que em sua função se empresta ao engano de fazer-se Agalma, para ver-se destituir em seguida como Resto.

Resto de uma transferência, que é transferência de significantes, e que a passagem de analista a analisante efetua no outro lado da equação. Basculando de uma posição onde supõe um saber do inconsciente para uma posição onde é sabido não sabê-lo.

Essa passagem mítica tem sua inscrição possível num ponto longínquo de um deslocamento, que é engrenado como trilho do desejo e que segue pelo encadeamento dos tropos de linguagem, entre os quais metáfora e metonímia enunciam o desejo de ser analista.

Recriar a língua, surpreender-se com a própria fala num ato poético, enquanto se ampliam as possibilidades de efeitos do simbólico em sua própria subversão, é para onde se dirige a cura analítica. Não é por acaso que Lacan nos diz que ser analista é um sintoma, em seu Seminário “O Sintoma”, dedicado a James Joyce, um escritor que marca a história da literatura como divisor de águas, por sua estrondosa recriação da língua.

Lacan dirá que Joyce se não escrevera, enlouqueceria. Os nomes multifacetados e reinventados por ele seriam sua âncora no simbólico, sem o qual alíngua o invadiria. E conta-se que sua esposa Nora, ao lhe dizer que jamais entendera seus livros e seus escritos, ouviu dele que não havia nada para entender, só acompanhar. Acompanhar os sons, os sincopados, era a recomendação de Joyce a sua Nora. Ouvir palavras, ouvir seus sons combinando-se e recombinação-se infinitamente, produzindo um sentido, que nada tem a ver com significação. Sentido vetorial que anuncia a direção, movida pelo que restará sempre a dizer.

Nesse Seminário Lacan demonstra a amarração borromeana do sintoma subvertendo logo no título a ordem da língua. Retoma uma grafia morta para designar o que virá a ser a sua proposição sobre “O Sintoma”.

Freud começa pelo sintoma, sintoma das histéricas, e imediatamente se dará conta de algo que se revela: Isso fala. E isso fala da morte, castração, operando-a pelo sintoma. Dessa forma Lacan retoma um grafado morto da língua, apresentando-nos, assim, o quanto o morto retorna no sintoma.

Este morto, o pai, em sua insuficiência, na impossibilidade de barrar aquilo que legisla, deixa vaziar o todo dizer. Isso que vaza, a angústia exigirá nomear, e o nome que a operação imaginária lhe forjar será sempre o sintoma. Esse termo mínimo, imaginário, para dar conta dessa efetuação simbólica é o falo, que se apresenta em forma de Metáfora Paterna, Nome-Do-Pai.

Os Nomes-Do-Pai, como nos ensinou Lacan em sua elaboração mais sofisticada, no RSI, têm uma relação radical com este nome “mais um”, que sempre resta a dizer e a produzir numa análise, na combinação desses três registros que faz nó a quatro e que fará com que a passagem de analisante a analista faça com que o primeiro percorra esses nomes na escuta de outro, no ponto em que é possível entrever os nomes com os quais diz de seu sintoma.

O Resto que produz um analista tem consequências radicais a depreender de sua formação, que por ser Formação do Inconsciente encontrará sua trajetória no percurso de uma análise, distinta de uma habilitação conferida pelo cumprimento de créditos, na forma de um pretense consumo do código. A formação de um analista tem relação com um débito, uma dívida simbólica de um nome que é tributada subvertendo o código, combinando-o, recriando-o e fazendo-o sentido de dizer. Dizer da falta. O que resta nesse percurso.